

Matheus Augusto Avelino Tavares

Doutorando em Geografia Humana na Universidade de São Paulo-USP,
Professor de Geografia do IFRN – João Câmara, Bolsista Capes
matheus.tavares@ifrn.edu.br

Elementos teóricos para compreensão dos dois circuitos da economia urbana no Rio Grande do Norte - Nordeste

Resumo

A economia urbana das cidades do Rio Grande do Norte apresenta nos últimos vinte anos uma nova dinâmica em função da desigual difusão do meio técnico-científico-informacional, que vem possibilitando, entre outras coisas, a disseminação desigual de novas formas de comércio, serviços e de produção. A partir dessa nova realidade podemos afirmar que a urbanização do Rio Grande do Norte tem sido fomentada por uma intensa expansão do circuito inferior para a maioria de seus subespaços enquanto que o circuito superior se apresenta na forma de manchas que se localizam, sobretudo, nos principais centros urbanos do estado. Nesse âmbito, o objetivo desse trabalho consiste em levantar alguns elementos que nos possibilitem a compreensão da dinâmica e do funcionamento dos circuitos da economia urbana nas cidades do território potiguar. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica sobre a teoria dos dois circuitos da economia, bem como pesquisa empírica a fim de conhecermos os eventos que configuraram esses circuitos nas cidades do território potiguar.

Palavras-chave: Circuito superior, circuito inferior, Rio Grande do Norte.

Abstract

ELEMENTS FOR THEORETICAL UNDERSTANDING OF TWO CIRCUITS OF URBAN ECONOMY IN RIO GRANDE DO NORTE – NORTHEAST

The urban economy from the cities of Rio Grande do Norte bring in the last twenty years a new dynamic due the unequal diffusion of technical-scientific-informational medium, which is allowing among others, the unequal spread of new ways of trade, services and production. Since this new reality we can confirm that the urbanization

in Rio Grande do Norte has been fed by a huge expansion of the lower circuit for most of its subspaces while the upper circuit comes in forms of spots located in the main urban centers of the state. In this context, the aim of this paper is to raise some elements which come to allow us the understanding of dynamic and functioning of circuits of urban economy in the cities from Potiguar territory. Thus, we performed a literature review about the theory of two circuits of the economy as well as empirical research conducted to know the events that have shaped these circuits in the cities of Potiguar space.

Key-words: Upper circuit, lower circuit and Rio Grande do Norte.

1. Introdução¹

A partir das ideias de Santos (2005) podemos dizer que algumas das dimensões da expansão do meio técnico, científico e informacional para distintas partes do território são a fragmentação do processo produtivo, o aumento do consumo, a disseminação de inúmeros objetos técnicos e a expansão dos sistemas de crédito que, juntamente com aumento do poder de compra da sociedade, incrementam e inserem novos segmentos sociais nos circuitos do consumo, até mesmo os segmentos mais pobres da sociedade. Por isso, o autor afirma que, no Brasil, “a gama de artigos de consumo aumenta enormemente. A expansão do consumo da saúde, da educação, do lazer, é paralela à do consumo das batedeiras elétricas, televisões, e de tantos outros objetos” (SANTOS, 2005, p. 52).

Se nas grandes metrópoles e nos espaços mais dinâmicos da formação socioespacial brasileira esse processo dá-se tanto pela expansão de um complexo e diversificado circuito superior da economia urbana quanto por meio de um intenso e pulverizado circuito inferior, conforme, por exemplo, demonstra Montenegro (2006), nas demais cidades da formação socioespacial brasileira, que não estão nessas áreas mais dinâmicas, esta nova realidade se geografiza, principalmente, por meio de uma intensa expansão do circuito inferior da economia urbana, que dota de novos conteúdos muitas cidades.

No que concerne à expansão do consumo e dos circuitos da economia urbana no Rio Grande do Norte, é preciso apontar que este processo encontra nexos na intensificação dos programas de transferência de renda do governo federal, sendo que essa realidade se torna mais intensa nas

idades que não apresentam a mesma dinâmica econômica que as regiões metropolitanas, uma vez que esta fonte de renda acaba sendo uma das principais mantenedoras do consumo, principalmente, aquele do circuito inferior. Podemos dizer que esses programas têm impulsionado o comércio local, dada a quantidade de recursos que entra mensalmente nos municípios, que, embora seja baixa por família, quando somamos o montante final temos um volume considerável que é capaz de manter níveis mínimos de consumo para as camadas mais pobres.

Somem-se a isso os montantes gerados pelas aposentadorias e pelos funcionários da administração pública, que, no estado do Rio Grande do Norte como um todo, constituem-se na principal fonte de renda para as famílias. É a partir dessa renda que tanto temos o financiamento de motocicletas e eletrodomésticos, quanto a aquisição de produtos mais básicos para a sobrevivência humana, ou seja, um movimento que perpassa os dois circuitos da economia urbana.

A preponderância do circuito inferior se dá porque na maioria dessas cidades predominam atividades que apresentam baixo nível de incorporação tecnológica, de organização e de capital. Mesmo constatando a existência de atividades típicas do circuito superior, é preciso apontar que essas aparecem de modo pontual, de forma que a dinâmica econômica dessas cidades fundamenta-se, sobremaneira, no circuito inferior.

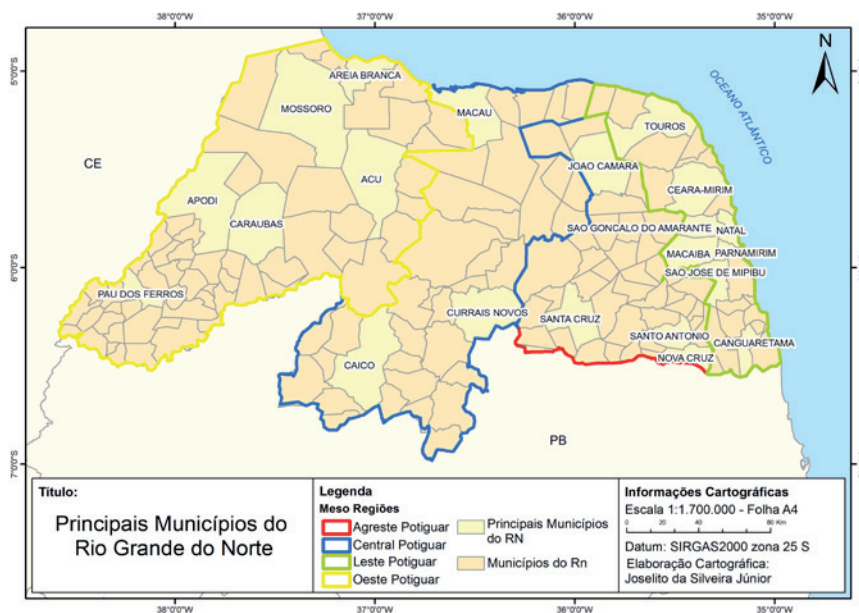
Diante desses apontamentos iniciais, o objetivo desse trabalho consiste em levantar alguns elementos que nos possibilitem a compreensão da dinâmica e do funcionamento dos circuitos da economia urbana nas cidades do território potiguar, sobretudo daquelas que, não fazendo parte da Região Metropolitana de Natal (ver mapa 1 com os principais municípios do estado), são pouco analisadas, apesar da existência de alguns estudos relevantes sobre essa realidade (GOMES, 2012; SALVADOR, 2012; TAVARES; DANTAS, 2012).

Faz-se mister destacar que não pretendemos somente realizar uma análise da economia urbana das cidades norte-rio-grandenses, mas também intentamos contribuir no debate para o estudo das cidades a partir da teoria dos circuitos da economia urbana desenvolvida por Santos (1971; 1979) e atualizada por Silveira (2004, 2007a, 2007b), sobretudo, no que consiste ao estudo das cidades que não estão inseridas nas regiões metropolitanas e

que se constituem na maioria dos municípios da formação socioespacial brasileira. Tais cidades vêm sendo estudadas e adjetivadas de média e pequenas, o que, do nosso ponto de vista, se constitui num equívoco crasso dado que entendemos que é preciso elaborar teorias para entendermos as cidades independentes de seu tamanho, pois o que é uma cidade média para São Paulo, com certeza não o é para o Rio Grande do Norte e vice versa.

O sistema teórico dos dois circuitos da economia urbana busca interpretar a dinâmica das cidades a partir da existência de um circuito superior – composto pelos bancos, comércio, indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores; e de um circuito inferior – que se constitui pelas formas de fabricação de uso não intensivo de capital, pelos pequenos comércios e pelos serviços não modernos, voltados, sobretudo, para o consumo dos mais pobres (SANTOS, 1979).

Mapa 1
MOSTRA EM DESTAQUE ALGUMAS DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO NORTE



Os circuitos da economia urbana podem ser vistos como subsistemas da economia urbana, nos quais todas as formas de trabalho estão integradas (SANTOS, 1979). Eles têm a mesma origem, ainda que resultem direta e indiretamente de vários processos de modernização que atingem seletivamente e descontinuamente as porções do território. Nesse processo, é preciso destacar que o circuito inferior, em muitos casos, se torna dependente do circuito superior, sobretudo em função dos serviços prestados por atacadistas, transportadores, fornecedores de crédito e, ainda, pelos produtos comercializados que, em diversos aspectos, procuram copiar aqueles do circuito superior; por isso, o circuito inferior não pode ser analisado de maneira isolada, pois ele mantém intensas relações com o superior, sejam essas relações de dependência ou não. No período histórico atual, essas relações entre os circuitos superior e inferior, ou como diz Silveira (2007a), seus vasos comunicativos, se adensaram, o que tornou mais complexa sua interpretação.

Além disso, acreditamos que o sistema teórico totalizante dos dois circuitos da economia urbana nos dá margem para o estudo das cidades independentemente de seu tamanho e/ou suas dimensões, pois busca compreender a totalidade das existências sociais, ou seja, intenta o entendimento do espaço banal através da relação dialética entre o circuito superior e o inferior, considerando que “a riqueza produzida pelo circuito superior não pode ser compreendida sem a pobreza própria do circuito inferior, que este também perpetua” (SILVEIRA, 2007a, p. 3).

2. As variáveis-chave e os nexos entre os dois circuitos da economia urbana no Rio Grande do Norte

A dinâmica econômica das cidades norte-rio-grandenses revela o modo como os circuitos da economia urbana se inserem e reproduzem no/o movimento de globalização, sobretudo o circuito inferior, que, sendo dominante nessas cidades, constitui-se no principal elemento de participação nas unicidades da técnica, do tempo e da mais-valia global que engendram esse processo de globalização. Aqui é preciso apontar que a expansão dessas unicidades no território não ocorre de modo homogêneo, mas sim

seguindo as leis do desenvolvimento desigual e combinado (PEET, 1975; SMITH, 1996). Desse modo, entendemos que não são somente as regiões metropolitanas e as cidades mais dinâmicas da formação socioespacial brasileira que participam da expansão e da reprodução dessas unicidades, mas também acreditamos que as cidades que não se inserem nessas áreas também participam desse movimento. Com isso, acreditamos que nesse debate o importante não é somente saber se os circuitos econômicos das cidades potiguares se inserem nesses processos de globalização. O fundamental é entender como elas participam e reproduzem desse/esse movimento.

A unicidade técnica é, portanto, um elemento na compreensão dos circuitos da economia urbana nas cidades do Rio Grande do Norte. Esse processo se expressa inicialmente pela banalização de uma gama variada de objetos técnicos que, associada à expansão do consumo em todas as classes sociais, tem proporcionado uma reorganização nos espaços dessas cidades, uma vez que o consumo desses objetos vem engendrando e alimentando novas formas de comércio de variadas espécies.

No âmbito desse processo, a constituição do circuito inferior nas cidades do território potiguar se efetua através de um intenso processo de pulverização dos estabelecimentos e pela existência de comércios e serviços das mais variadas naturezas. Aliás, Santos (1979) já havia destacado que a pulverização das atividades econômicas é uma característica essencial do circuito inferior. Nesses estabelecimentos, o predomínio do trabalho familiar, da baixa incorporação de capital, de tecnologia e de informação é uma realidade concreta, de modo que temos aí o desenvolvimento de uma atividade econômica na qual o que é intenso é o trabalho dos agentes sociais, o que não deixa de ser uma contradição tendo em vista as características do período atual (SILVEIRA, 2004).

A pulverização dos estabelecimentos associada à banalização das técnicas evidencia a existência de uma densa e complexa rede de circuitos espaciais de produção² que encontram sua realização em muitas cidades do território potiguar. Os comércios de celulares (e acessórios), DVDs-CDs, artigos importados das mais variadas naturezas, de roupas, calçados e acessórios similares em geral, nos dão um panorama revelador da dinâmica engendrada pelo circuito inferior da economia nas cidades do Rio Grande

do Norte e, por conseguinte, evidenciam os nexos entre o circuito inferior com uma das variáveis-chave da globalização. Não somente em cidades mais dinâmicas economicamente como Mossoró, Caicó, Pau dos Ferros, Currais Novos, Santa Cruz Macaíba, João Câmara etc., esses consumos se expressam, mas também em cidades com uma dinâmica econômica menos intensa, como já revelamos em outros trabalhos (TAVARES; DANTAS, 2012; TAVARES, 2012).

Se Ricardo Antunes (2005) falou de uma nova “morfologia do trabalho” como forma de caracterizar o processo de produção no mundo contemporâneo, na qual prevalecem o desemprego estrutural, a precarização, a subcontratação, a terceirização e a flexibilização; podemos dizer que essa morfologia do trabalho, que é produto direto do acontecer hierárquico, encontra na expansão dos circuitos da economia urbana sua forma geográfica de expressão, sobretudo, do circuito inferior, que se mostra mais sensível aos eventos geradores desse acontecer.

A repercussão desse processo nas cidades do Rio Grande do Norte se revela pelo aumento expressivo do número de pessoas que buscam abrigo no circuito inferior, sobretudo quando verificamos a existência de taxas de desemprego, que em algumas regiões chegam a 15% (DIEESE, 2012). De acordo com Silveira (2004, p. 10), essas pessoas devem encontrar no circuito inferior “una actividade – y un lugar dentro de la ciudad – que sea capaz de permitir su supervivencia”.

Tal realidade tanto vale para aquelas pessoas que perderam os seus empregos e que nunca mais conseguiram recuperá-los, quanto para aquelas inúmeras pessoas que nunca tiveram a oportunidade de conseguir outra forma de trabalho; em ambos os casos, o circuito inferior aparece como alternativa devido a sua flexibilidade, que permite que com um pequeno volume de capital se abra um “negócio” qualquer, e, às vezes, não é sequer necessário ter este capital, como ocorre, por exemplo, com os vendedores ambulantes das mais variadas naturezas que trabalham no regime de concessão de mercadorias, no qual eles recebem uma quantidade determinada de um produto e, ao final de um período estabelecido, prestam contas do que foi vendido. Por isso, Santos (2008, p. 202) estabelece que o circuito inferior é “uma estrutura de abrigo para os cidadãos, antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional”.

Esta realidade pode ser lida como uma das características mais nefastas da unicidade técnica, que é a existência de um sistema técnico hegemônico e excludente, que, sob a égide da racionalidade da globalização, torna escasso o acesso ao trabalho, sobretudo naquelas regiões que, não ocupando uma posição privilegiada na divisão territorial do trabalho, funcionam, principalmente, como uma espécie de reserva territorial de mão de obra barata. Mas, como esses agentes sociais precisam produzir e reproduzir sua existência, eles são lançados no circuito inferior da economia urbana, pois é aí que encontram meios para poderem existir.

Os nexos entre os dois circuitos da economia urbana se dão de muitas formas. No território potiguar uma expressão desse movimento é revelada por meio da coexistência de vários circuitos produtivos que, advindos de varias regiões da formação socioespacial brasileira, bem como de outras partes do mundo, vêm dando forma e complexificando a dinâmica das cidades. No Rio Grande do Norte, tanto temos comerciantes que estão inseridos no circuito de produção de roupas de Caruaru, Fortaleza e de São Paulo; quanto aqueles que se inserem nos circuitos dos calçados das cidades serranas do Rio Grande do Sul e do Ceará, além do mais há uma gama infundável de estabelecimentos que se inserem nos circuitos produtivos de produtos chineses e peruanos, sobretudo. Esse dado revela uma profunda imbricação entre o circuito inferior que comercializa esses produtos nas diversas cidades do Rio Grande do Norte com o circuito superior que, em boa parte da circulação, realiza o transporte das mercadorias e, ainda, com o circuito superior marginal e o próprio circuito superior que concebe e produz algumas dessas mercadorias.

Tais estabelecimentos destinados à comercialização de roupas, calçados e eletrônicos em geral constituem-se no elemento dominante da paisagem de muitas áreas centrais das cidades potiguares. Em alguns casos já constatamos o surgimento de pequenas galerias e mesmo de mini *shopping centers* destinados quase que exclusivamente à comercialização dessas mercadorias.

Quanto à existência de alguns produtos chineses e peruanos é importante destacar as colocações de Santos (1979) e Silveira (2004, 2007a), quando estes argumentam que um dos pilares do funcionamento do circuito inferior é a imitação de produtos típicos do circuito superior. Desse modo,

grande parte dos produtos comercializados nesses estabelecimentos é, na realidade, uma reprodução daqueles produzidos pelas grandes marcas internacionais (Nike, Puma, Adidas, Yves Saint Laurent, Victor Hugo, Colcci etc.), que apresentam considerável influência no consumo da sociedade. Assim, se reproduzem, na escala do lugar, formas de consumo engendradas pela economia globalizada, ou por uma unicidade técnica.

A difusão maciça de objetos técnicos como telefones celulares e motocicletas no seio da sociedade possibilitou a expansão de novas formas de comércio e de serviços, sejam elas empresas tipicamente do circuito superior ou do superior marginal, como as lojas autorizadas das operadoras telefônicas e as revendedoras das motocicletas; ou ainda de pequenos estabelecimentos tipicamente do circuito inferior. Em síntese, trata-se de uma nova forma de comércio que emerge nessas cidades *pari passu* com a expansão das variáveis do período histórico atual.

Assim, no que concerne ao telefone celular se verifica não somente a presença de estabelecimentos autorizados pelas grandes empresas de telefonia, como ocorre nas cidades com uma dinâmica urbana mais intensa, sobretudo naquelas consideradas polos regionais, mas também encontramos em quase todas as cidades do território potiguar um número exorbitante de vendedores especializados na venda de aparelhos (novos e usados), de *chips*, bem como de peças e acessórios de modo geral.

Ainda quanto ao objeto técnico celular é fundamental destacar que sua difusão entre aqueles grupos sociais que realizam atividades não-hegemônicas aparece como importante instrumento de trabalho, proporcionando que esses ampliem as suas possibilidades e garantam, desse modo, a realização de mais negócios. A título de exemplificação, podemos destacar: moto-taxistas, pedreiros, marceneiros, mercadinhos, pequenas pizzarias, dentre outras formas de trabalho e de comércio que usam diariamente esse objeto técnico como forma de realização de seus negócios em praticamente todos os municípios do Rio Grande do Norte. É interessante lembrar que o telefone celular faz parte do rol de objetos técnicos que Milton Santos (1996) denominou de doces e flexíveis, justamente porque são passíveis de serem apropriados para finalidades diversas das quais foram concebidos.

Quanto à difusão maciça das motocicletas em todo o território potiguar, destacamos que sua expansão encontra nexos na ampliação das formas

de crédito na sociedade. De acordo com dados do IBGE (BRASIL, 2012), não somente em cidades como Mossoró, Pau dos Ferros, Currais Novos, Santa Cruz, Caicó, Parnamirim e João Câmara, tivemos a expansão maciça do número de motocicletas, mas também nos municípios que estão na *hinterlandia* dessas cidades. Ao mesmo tempo em que temos o aumento de motocicletas, constatamos o surgimento de inúmeras pequenas lojas de peças novas, usadas, “genéricas”, que surgem para atender a esta grande demanda existente na cidade.

Assim, podemos inferir que são também essas concessionárias de motocicletas e as empresas de telefonia que nos permitem afirmar a existência no território potiguar de alguns espaços mais voltados para a realização de funções mais modernas da cidade contemporânea, através da existência de atividades que se orientam de acordo com a atual divisão internacional hegemônica do trabalho (SILVEIRA, 2004). Esses espaços organizados verticalmente, embora sejam portadores de uma racionalidade hegemônica, *pari passu* com os interesses das grandes corporações, vêm engendrando também espaços que são organizados horizontalmente, pois atendem aos interesses dos agentes sociais locais, sobretudo daqueles do circuito inferior da economia urbana.

Ainda pontuamos que, em ambos os casos, o que se evidencia mais uma vez é a existência de nexos comunicativos entre os dois circuitos da economia urbana, estabelecidos entre esses pequenos comércios e as grandes empresas do ramo telefônico e de motocicletas, que também se fazem presentes nessas cidades.

A participação na expansão e na reprodução das variáveis do período da globalização também se evidencia pelos circuitos espaciais de produção relacionados à moderna fruticultura irrigada que se desenvolve nas margens dos rios Piranhas-Assu e Apodi-Mossoró e pela atividade petroleira que tem seus principais espaços produtivos nas cidades de Mossoró, Guamaré e Macau. Esses circuitos produtivos que são eivados das densidades técnica e científica vêm proporcionando o surgimento, em algumas cidades, sobretudo em Mossoró, Assú e Macau, de uma variedade de serviços e comércios diretamente voltados para atender suas exigências.

Em se tratando de fruticultura irrigada, evidencia-se a emergência de um comércio destinado à venda de produtos agrícolas, tais como ferti-

lizantes, sementes e insumos em geral, bem como um comércio voltado para a venda de peças destinadas à manutenção das máquinas agrícolas. Embora seja possível encontrar tais estabelecimentos em varias cidades da região Central e do Alto Oeste, constatamos que a maioria deles se localiza principalmente nos polos regionais de Mossoró e Assu, sobretudo quando se trata de um consumo com necessidades técnicas e científicas mais densas. Trata-se aqui do que Santos (2005) denominou de consumo produtivo que, ao mesmo tempo em que impulsiona o processo de urbanização da sociedade, cria novas funcionalidades urbanas de acordo com as necessidades de cada uma das atividades ou dos circuitos produtivos desenvolvidos.

O circuito produtivo do petróleo³ também fez surgir vários estabelecimentos que se localizam entre o circuito superior marginal, o circuito superior e até o circuito inferior da economia urbana. Trata-se de estabelecimentos destinados à prestação de serviços e à produção de infraestruturas exigidas pelo processo produtivo desse circuito. Aqui se evidencia uma rede imbricada de relações entre os circuitos da economia urbana, pois há coexistência desde empresas multinacionais até médias e pequenas empresas de capitais locais que atendem as demandas mais simples desse circuito produtivo. Se tomarmos as considerações de Santos (1996), podemos afirmar que temos aqui o acontecer hierárquico e o acontecer complementar contribuindo para a constituição e a realização do circuito petrolífero.

Assim, a constituição do circuito petrolífero engendrou não somente a chegada nessas cidades de grandes empresas mundiais como Baker Hughes do Brasil, BJ Service do Brasil, Halliburton Serviços, Varco Internacional do Brasil, TESCO do Brasil LTDA, todas de capital americano, e a Schlumberger, de capital francês, mas também fez emergir um comércio intenso, bem como serviços diversos como restaurantes, pousadas e hotéis, que têm como foco os trabalhadores envolvidos com esse circuito produtivo.

A expansão intensa dos circuitos da economia urbana, mas, sobretudo, do inferior e do superior marginal, vem possibilitando a criação em algumas cidades de áreas “polarizadoras da economia pobre” (SILVEIRA, 2010). Trata-se de cidades que apresentam uma dinâmica de serviços e comércio que em parte exerce grande atratividade para com as populações pobres de cidades

vizinhas. As áreas centrais de cidades como Pau dos Ferros, Mossoró, João Câmara, Currais Novos, Assú e Caicó constituem-se num típico exemplo dessa realidade, uma vez que não somente nos dias de feira semanal, mas, diariamente, elas recebem significativos contingentes populacionais que tentam consumir artigos e serviços não encontrados em suas cidades.

Do mesmo modo que Montenegro (2011) nos revela a existência de “feições regionais” do circuito inferior da economia em nível da formação socioespacial brasileira, podemos aventar a existência de “feições regionais” para os circuitos em se tratando do território potiguar. Com isso não queremos afirmar a existência de especializações regionais, mas sim de alguns elementos constitutivos dos circuitos da economia que em algumas regiões se sobressaem em relação ao demais. Os exemplos da Região Seridó, no que concerne aos circuitos produtivos têxteis e de confecções, e da Região Agreste, em relação ao circuito produtivo da farinha de mandioca, são ilustrativos desse processo.

Assim, na Região Seridó, uma expressão importante dos circuitos da economia urbana, mas, principalmente do circuito inferior, é a expansão geográfica das atividades têxtil e de confecções, uma vez que estas atividades vêm possibilitando o surgimento de uma nova topologia espacial desenvolvida de acordo com os níveis de densidade técnica, científica e de capitais apresentados pelas diversas cidades dessa região.

No funcionamento desses circuitos produtivos, de modo geral, o que temos é a predominância de pequenos e médios estabelecimentos que apresentam mão de obra barata e muitas vezes fundamentada em relação de parentesco, uma grande complementaridade entre os diversos agentes que formam o circuito e, por fim, uma densidade técnica e de capital relativamente baixa. Tomando como ponto de reflexão as considerações de Santos (1996), podemos dizer que nesses subespaços predominam relações solidárias orgânicas entre diversos agentes do lugar que se fundam por meio de uma coletividade que trabalha em busca de resultados comuns.

Mesmo que se trate de um circuito inferior ou, no máximo, de um circuito superior marginal em alguns casos, constata-se uma seletividade espacial que possibilitou certa concentração territorial desse processo, sobretudo, nas cidades de Caicó, Jardim de Piranhas e Serra Negra do Norte, que exercem certo domínio na produção de redes de dormir e de bonés.

Em virtude da trama complexa de acontecimentos que regem esses circuitos sua apreensão tornou-se mais difícil, sobretudo do circuito inferior. Essa economia pobre, como os denominou Arroyo (2008), adquiriu novos contornos, de modo que ao mesmo tempo em que “começam e terminam num único sub-espço, que vai desde a produção até o consumo no mesmo distrito de uma cidade” (ARROYO, 2008, p. 21); percebemos que diante das possibilidades abertas pelo período da globalização muitos já não se realizam somente em sua cidade de origem ou no estado do Rio Grande do Norte, mas extrapolam esses limites se espraiando não somente pela formação socioespacial brasileira mas também por algumas partes do mundo. Por exemplo, os circuitos de confecções de roupas e de biquínis, que têm seus espaços produtivos na Região do Alto Oeste e do Seridó, são eloquentes para ilustrar essa realidade, uma vez que eles ampliaram seus espaços de consumo para a Região Sudeste, em se tratando de Brasil, e para partes dos Estados Unidos e da Europa, em se tratando de mundo.

No que diz respeito ao Agreste Potiguar, Salvador (2010) nos revela a presença de um circuito de produção de farinha de mandioca em praticamente toda a região, com destaque para Vera Cruz, Brejinho e Monte Alegre. O processo produtivo realizado apresenta várias densidades técnicas e de capitais, sendo que a produção pode ser adquirida tanto pelos agentes do circuito inferior da economia, que geralmente os revendem em pequenos estabelecimentos locais ou regionais; quanto por agentes do circuito superior, como as redes de supermercados Carrefour, Hiper Bom Preço e Nordestão concentradas na Região Metropolitana de Natal.

Neste caso, pode haver um entrelaçamento maior entre os circuitos com a participação de agentes típicos do circuito superior marginal, tais como os agentes do setor atacadista e dos transportadores que funcionam como canal comunicativo entre o circuito inferior, representado pela indústria da farinha, e o superior, na figura das grandes redes de supermercados. De modo geral constatamos que pequenos e médios grupos atacadistas locais compram a farinha diretamente nas cidades produtoras para, na sequência, empacotarem e distribuírem, por meio de transportadoras terceirizadas, para as redes de supermercados da Região Metropolitana de Natal ou em outras regiões do território potiguar.

Quando tomado em sua totalidade, o circuito produtivo da farinha, que se origina no Agreste Potiguar, nos revela a existência de um acontecer solidário complementar que une e dá forma aos mais variados agentes dos circuitos da economia urbana em várias cidades do Rio Grande do Norte.

Outro ponto importante para compreensão do circuito inferior nas cidades do Rio Grande do Norte são as feiras livres semanais. Andrade (1981) já havia destacado o papel destas para as cidades nordestinas, sobretudo porque elas formam um traço de união entre o campo e a cidade. Tais feiras livres apresentam grande dinâmica territorial, pois envolvem em um mesmo espaço produtores e comerciantes das mais variadas naturezas e de várias regiões do território potiguar, que convergem para diferentes cidades a fim de comercializarem produtos diversos, tais como: hortifruti-granjeiros, carnes, peixes, frutas, cereais, legumes, ferramentas agrícolas, roupas, calçados etc.

Em suma, uma diversidade de produtos que nos revela um intenso movimento no território, bem como a existência de múltiplos circuitos espaciais de produção que se imbricam em um mesmo lugar para configurarem alguns dos espaços mais dinâmicos do território potiguar. As feiras livres de polos regionais do Rio Grande do Norte, tais como Caicó, Currais Novos, Pau dos Ferros, Assu, João Câmara, Santa Cruz, Nova Cruz, Macau e Apodi, são algumas das mais importantes do estado, tanto em suas dimensões quanto na atração que exercem nos municípios que estão circunscritos em sua hiterlândia.

Expressões das formas de consumo moderno que emergem nas metrópoles e representantes do circuito superior e do circuito superior marginal, as redes de eletrodomésticos e as de supermercados também fazem parte da configuração territorial de muitas das cidades do Rio Grande do Norte.

Tais redes se expandem cada vez mais pelo território porque praticam formas de organização que permitem compras em grandes volumes com melhores condições nos preços e na forma de pagamento das mercadorias. Tal situação possibilita que estabeleçam melhores preços para a revenda de seus produtos o que, quando somado à grande flexibilidade em suas formas de pagamento, funciona como atrativo e estímulo ao consumo.

No caso das redes de eletrodomésticos, constatamos a existência de importantes redes potiguares, tais como: a Unilar e a Maré Mansa. Tais redes atuam em várias parcelas do território potiguar e, em muitos casos, concorrem de igual para igual com grandes redes nacionais, como, por exemplo, Insinuante e Rabelo. Uma característica marcante dessas redes é que elas, em muitos casos, direcionam-se para atender as necessidades de consumo de um público tipicamente do circuito inferior e tentam atraí-lo por meio de facilidades no crédito, como uso de carnês ou crediário, a partir dos quais o financiamento é feito pela própria loja.

Quanto às redes de supermercados que se fazem presentes no território potiguar, percebemos que elas ocorrem tanto em termos mais regionais, como a Rede de Supermercados Seridó, com predominância na Região Seridó e a Rede Oeste, com atuação no Alto Oeste, como com uma difusão mais ampla no território, como a Rede Gol, a Rede Mais e o Super Show.

A lógica de funcionamento, bem como as consequências da inserção dessas redes nas cidades, é semelhante àquela das redes de eletrodomésticos, consistindo no desmantelamento dos pequenos e médios estabelecimentos de capital local. Entretanto, destacamos que, mesmo que várias pequenas bodegas não resistam à concorrência estabelecida por essas redes, constatamos que muitos ainda sobrevivem no mercado, graças ao desenvolvimento de relações que não se explicam pela racionalidade do capital. Exemplo concreto é a prática do fiado ou das “cadernetas”, que na realidade consistem em um crédito “informal” estabelecido pela relação de proximidade e de confiança entre o cliente e proprietário do estabelecimento.

Podemos constatar que as redes regionais, como a Rede Oeste e a Seridó, agregam também um número considerável de mercadinhos e de minimercados que conseguiram um nível um pouco mais elevado de capitalização, o que os permitiu aumentar os investimentos na renovação de seus estoques, diferente dos bodegueiros de bairros que não conseguiram atingir este *status*.

Outra variável do período atual que também se expande no território potiguar é aquela relacionada à unicidade do motor que se expressa pela expansão de um conjunto de objetos geográficos que proporcionam o que Santos e Silveira (2001) denominaram de financeirização do território.

Tal realidade emerge como um aspecto que parece não deixar nenhuma parcela do território de fora desse processo. Neste mesmo sentido, Silveira (2004) aponta que a disseminação do crédito é uma característica do período atual e está relacionada ao fato de que as grandes redes financeiras e as redes bancárias (públicas e privadas), típicas do circuito superior, tendem a não deixar de lado nenhuma parcela do território nacional, o que, por consequência, amplia a capilaridade das agências e a oferta de diversas formas de crédito aos diversos agentes sociais que ora se direcionam para o circuito inferior, ora para o circuito superior.

Essa oferta de crédito tem incrementado o consumo para todas as camadas sociais e é realizada tanto por meio das agências dos bancos estatais, tais como Banco do Brasil e Caixa Econômica, ou dos bancos privados, sobretudo Bradesco, quanto por intermédio de pequenas filiais de várias instituições financeiras, como, por exemplo, as agências dos bancos Panamericano, BMC, Cruzeiro do Sul, Santander, Mercantil do Brasil, BGM etc. Analisando a Região do Mato Grande, Lima (2009, p. 18) expõe que essas redes financeiras “chegam a fazer hoje atendimento na residência dos ‘clientes’. Elas conseguem os telefones de clientes em potencial (provavelmente junto ao INSS, ao estado e às prefeituras) e agendam visitas”, para lhes oferecer suas linhas de crédito. Esta prática não se resume somente a essa região, ela está presente em praticamente todas as regiões do Rio Grande do Norte, seja pela existência de agências correspondentes ou ainda por agentes que circulam nas cidades menores.

A financeirização do território também se dá por meio da disseminação dos cartões de crédito, que são aceitos nos mais variados estabelecimentos comerciais, desde pequenas lojas a redes de supermercados, sendo que as bandeiras mais utilizadas são *master card*, *visa* e *hiper card*, que são justamente as mais difundidas entre as classes populares no território potiguar.

É sempre relevante destacar que tais instituições, embora apresentem taxas de “juros leoninas” (SILVEIRA, 2007a), têm, em muitos casos, uma ampla atuação no seio da sociedade, sobretudo para aqueles agentes sociais que trabalham como pessoa física e que, por isso, têm dificuldades para conseguir acesso ao crédito dos bancos; de modo que essas financeiras acabam sendo a saída mais fácil, tendo em vista que disponibilizam créditos

mais fáceis e rápidos do que os bancos, que possuem uma burocracia maior para a realização de empréstimos.

Todavia, é preciso destacar que, se em um primeiro momento, essa expansão das redes financeiras funciona como combustível para a intensificação do consumo, pois de posse do crédito as pessoas têm um volume maior de dinheiro para a aquisição de produtos; em um segundo momento, esse processo acaba sendo entrave para a continuação do consumo, uma vez que as pessoas assumem uma dívida que, em alguns casos, pode comprometer até 30% do orçamento, o que, conseqüentemente, inviabiliza a continuação do consumo por um longo período (12-60 meses), ou seja, depois da euforia vem um período endividado e pagando taxas de juros “leoninas” para usarmos, novamente, as palavras de Silveira (2007a).

O que temos, em síntese, é um processo no qual a sociedade em geral vem adquirindo grandes dívidas para financiar os seus desejos de consumo; tal realidade foi denominada por Guttman e Plihon (2008) de “economia do endividamento”, pois baseia a expansão do consumo na oferta de crédito fácil e no aumento exponencial do endividamento social.

Além do mais é preciso atentar que esse processo de financeirização do território proporciona a constituição de nexos territoriais de captura de mais-valia e, conseqüentemente, uma drenagem de capitais e recursos por parte dos agentes da economia globalizada. Em nível regional tais recursos poderiam engendrar a formação de circuitos econômicos mais assentados em bases horizontais.

A participação dos circuitos da economia na difusão e na reprodução das variáveis da globalização no Rio Grande do Norte também se revela por meio do uso da publicidade, seja ela realizada por meio da imitação ou da produção própria. Este fator que impulsiona o consumo moderno invade o cotidiano da sociedade através da difusão de informações veiculadas pelas mais variadas formas de comunicação, tais como: rádio, televisão, telefones e internet, conforme estabelece Contel (2006).

Em muitas cidades a publicidade acontece por meio da utilização das mais variadas formas de produção de informações tais como: banners, cartazes, cartões, folhetos, rádios locais, bem como através de carros e motos de som que diariamente percorrem as principais vias dos centros urbanos para divulgarem os produtos dos principais estabelecimentos. Vale destacar

que a produção dessas formas de publicidade é realizada pelos próprios agentes desse circuito, através do uso de computadores e em associação com pequenos estabelecimentos gráficos. A paisagem da área central de cidades como Assú, Mossoró e Pau dos Ferros, apenas para citar alguns exemplos, nos revela a dimensão desse processo, pois constatamos uma imbricada rede de anúncios na qual se misturam propagandas de grandes agentes da globalização com anúncios variados de agentes locais.

Diante do que foi exposto podemos aferir que o período da globalização marca, pois, a intensificação das relações entre os dois circuitos da economia urbana, de modo que eles se apresentam cada vez mais interligados e interdependentes, mesmo que o circuito inferior sofra com as ações hierárquicas do superior.

3. Algumas considerações finais

Em síntese, a problemática ora exposta evidencia que os circuitos adquirem formas diversas de existência que emergem a partir da relação contraditória entre as condições socioespaciais de cada parcela do território e dos eventos externos, que, como diria Santos (1996), tanto têm o poder de transformar uma fração do espaço, dando-lhe um novo conteúdo, quanto sofrem as interferências desse mesmo espaço que, muitas vezes, muda sua forma de existência.

Também é possível evidenciar que, ao mesmo tempo em que presenciemos a expansão de novas formas de consumo e do processo de urbanização da sociedade (SANTOS, 2005), temos uma expansão acentuada do circuito inferior da economia, sobretudo porque o atual processo de urbanização é, cada vez mais, guiado pelas lógicas de reprodução desigual e combinada do capital (SMITH, 1996), que proporciona que as atividades mais modernas, típicas do circuito superior, se concentrem nas regiões metropolitanas e nas cidades mais dinâmicas do território nacional, ficando as demais cidades, na maioria das vezes, excluídas desse processo. Todavia, isso não quer dizer que essas cidades não tenham atividades do circuito superior, o fato é que estas se apresentam, via de regra, de maneira pontual,

de modo que na economia urbana dessas cidades prevalecem as formas de trabalho típicas do circuito inferior.

Notas

¹ Agradeço as críticas e sugestões feitas pela professora Mônica Arroyo durante seu curso na pós-graduação de Geografia Humana da Universidade de São Paulo.

² Aqui é preciso estabelecer uma diferença entre a teoria dos dois circuitos da economia urbana elaborada por Milton Santos entre o final dos anos 1960 e o início da década de 1970, teoria esta que se encontra nas obras "Les Villes Du Tiers Monde" de 1971 e, sobretudo, na obra "L'espace Partagé" de 1975, publicada no Brasil com o título de "Espaço Dividido" em 1979; e as teorizações em torno dos circuitos espaciais produtivos que se apresentam de modo mais disperso em artigos (1986) e em algumas obras do autor como Espaço e Método (1985), Metamorfoses do Espaço Habitado (1988) e no livro O Brasil (2001), desenvolvido em parceria com Maria Laura Silveira. Enquanto a teoria dos dois circuitos da economia urbana tem como cerne a compreensão do processo de urbanização das cidades nos países subdesenvolvidos a partir da existência de dois circuitos, um circuito superior – composto pelos bancos, comércio, indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores; e um circuito inferior – que se constitui pelas formas de fabricação de uso não intensivo de capital, pelos pequenos comércios e pelos serviços não modernos, voltados, sobretudo, para o consumo dos mais pobres; as teorizações sobre os circuitos espaciais produtivos tentam compreender as diferentes fases do processo geral da produção e da circulação, ou seja, sua análise abarca a produção propriamente dita, a distribuição, a comercialização e o consumo (ARROYO, 2008). Apesar das diferenças entre os dois sistemas conceituais, autores como Arroyo (2008), Silveira (2007a; 2010) e Silva (2012) já apontaram os intercruzamentos e os pontos de contato entre esses dois sistemas teóricos, o que nos possibilita englobá-los em uma única análise.

³ Os trabalhos de Rocha (2005; 2013) e de Alves (2012) são, sob perspectivas teóricas diferentes, boas análises sobre o circuito do petróleo e suas consequências para o território potiguar.

Referências

ALVES, S. P. **O circuito espacial da produção petrolífera no Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado, PPGeo, UFRN, Natal, 2012.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia Econômica**. São Paulo, Editora Atlas, 1981.

ANTUNES, R. **O Caracol e sua Concha**: Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho, São Paulo: Boitempo, 2005.

ARROYO, M. "A economia invisível dos pequenos". In: **Le Monde Diplomatique**. Brasil, ano 2, n. 15, outubro de 2008.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades**. Rio de Janeiro, 2012.

CONTEL, F. B. **Território e finanças**: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. 2006. 343 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Estudos e pesquisas**. São Paulo, 2012.

FELIPE, J. L. A. **Elementos de Geografia do RN**. Natal: Editora Universitária, 1986.

GOMES, R. Pequenas cidades e dinâmicas de inserções no processo de globalização: uma leitura a partir da realidade brasileira. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 2, p. 117-138, 2012.

GUTTMANN, R.; PLIHON, D. O endividamento do consumidor no cerne do capitalismo conduzido pelas finanças. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 17, Número especial, p. 575-610, dezembro. 2008.

LIMA, R. de O. **Publicidade, consumismo e dívida na Região do Mato Grande - RN**. Natal, 2009.

MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. 2006. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **Globalização, Trabalho e Pobreza no Brasil Metropolitano**: O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. Tese de doutorado (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PEET, Richard. Inequality and poverty: a Marxist-geographic. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 65, n. 4, 1975.

ROCHA, A. P. B. **A expansão urbana de Mossoró**. Coleção Mossoroense. Natal: Editora da UFRN, 2005.

_____. **A atividade petrolífera e a dinâmica territorial no Rio Grande do Norte**: Uma Análise dos municípios de Alto dos Rodrigues, Guamaré e Mossoró. Tese do Doutorado, PPGeo, Recife, 2013.

SALVADOR, D. S. C. de O. **Das farinhadas à produção para o mercado:** A dinâmica da atividade mandiogueira no Agreste Potiguar. Dissertação de mestrado, Natal, 2010.

_____. Espaço geográfico e circuito inferior da economia urbana. **Mercator**, v. 11, n. 25, p. 47-58, 2012.

SANTOS, M. **Les villes Du Tiers Monde**. Paris : Ed. Genin. Librairies Techniques, Géographie Economique et Sociale, 1971.

_____. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. São Paulo: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1979.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora Nobel, 1985.

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia de; SANTOS, Milton (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

_____. **Metamorfoses do Espaço habitado**. São Paulo, HUCITEC, 1988.

_____. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **A Natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVEIRA, M. L. Globalización y Circuitos de la Economía Urbana en Ciudades Brasileñas . **Cuadernos del Cendes**, n. 57, terceira época, p. 1-21, septiembrediciembre 2004.

_____. Crises e Paradoxos da Cidade Contemporânea: os Circuitos da Economia Urbana. In: **Anais do X SIMPURB**, Florianópolis, 2007a.

_____. Metrópolis brasileñas: un análisis de los circuitos de la economía urbana. **Revista eure**. Santiago de Chile, v. XXXIII, n. 100, p. 149-164, diciembre de 2007b.

_____. Região e Globalização: pensando um esquema de análise. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 74-88, jan./abr. 2010.

SILVA, S. C. **Circuito espacial produtivo das confecções e exploração do trabalho na metrópole de São Paulo**. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP). Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2012.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

TAVARES, M. A. A; DANTAS, A. Os dois circuitos da economia urbana em João Câmara, Brasil. **Mercator**. Fortaleza, v. 11, n. 26, p. 57-73, 2012.

TAVARES, M. A. A. O circuito inferior da economia urbana em cidades do semiárido potiguar. In: **Encontro Nacional de Geógrafos**, Belo Horizonte, 2012.

Recebido em: 02/02/2014

Aceito em: 01/04/2014